

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
ALINE WERNECK MEDEIROS COUTINHO**

O PROBLEMA DE PLATÃO NA FILOSOFIA DA LINGUAGEM CONTEMPORÂNEA

Juiz de Fora
2021

ALINE WERNECK MEDEIROS COUTINHO

O PROBLEMA DE PLATÃO NA FILOSOFIA DA LINGUAGEM CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. Rômulo Gomes de Oliveira

Juiz de Fora

2021

COUTINHO, Aline Werneck Medeiros. **O problema de Platão na filosofia da linguagem contemporânea.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharelado em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)
orientador

Prof. Me Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (UniAcademia)

Prof.a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 01/12/2021

Dedico este trabalho à minha família por me dar todo o apoio necessário para trilhar o caminho do ensino superior, mas especialmente à minha mãe que a vida me deu, Maria Aparecida, por ter me ensinado a confiar no meu tempo de fazer as coisas, e ter confiado nele comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio, carinho e suporte.

Ao Professor Doutor John Archibald pelo empenho em me ajudar a encontrar bibliografia adequada ao tema escolhido por mim.

À coordenadora Professora Regina Lúcia Praxedes de Meirelles por toda a atenção e dedicação durante a minha passagem pelo Centro Universitário Academia.

Ao Professor Robione Landim pelo incentivo em pesquisar meu tema mais a fundo.

A todos os meus professores, pela dedicação e competência, especialmente à Professora Dra. Mabel Salgado Pereira e ao meu estimado orientador, Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira.

RESUMO

COUTINHO, Aline Werneck Medeiros. **O problema de Platão na filosofia da linguagem contemporânea**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021

O presente trabalho versa sobre o Problema de Platão, ou a hipótese da pobreza de estímulo, na filosofia contemporânea. Noam Chomsky inaugurou a chamada revolução cognitiva nos anos 50 após publicar sua revisão ao livro Comportamento Verbal, de Skinner. A crítica de Chomsky ao behaviorismo tem seu fundamento na hipótese da pobreza de estímulos, entendendo que a criança dispõe de informação limitada e incompleta sobre a língua e mesmo assim, em intervalo tão curto de tempo, adquire a sua gramática. Chomsky retoma Platão no que tange às ideias inatas e propõe a teoria da Gramática Universal, que seria um conjunto de conhecimentos universais e necessariamente válidos, que estaria embutido na herança genética do ser humano, a saber especificamente na mente, que possibilitaria a aquisição da linguagem. Durante muito tempo o inatismo de Chomsky figurou com destaque nas pesquisas sobre a aquisição da linguagem, e a Gramática Universal oferece soluções robustas para a aquisição da sintaxe. Contudo, no que diz respeito à aquisição de um sistema fonológico, a Gramática Universal não explica a aquisição de segmentos e nem como a representação mental destes acontece na criança. Pesquisas recentes como a do linguista Elan Dresher e da fonoaudióloga Carmen Lúcia Barreto nos oferecem alternativas para pensar a aquisição de um sistema fonológico, propondo que, ao contrário do proposto por Chomsky, não há uma pobreza de estímulos do que diz respeito às imagens acústicas, e por conseguinte, o sistema fonológico é aprendido, e não adquirido via estruturas inatas da mente.

Palavras-chave: Problema de Platão, Hipótese da pobreza de estímulo, Chomsky, Aquisição de sistema fonológico

ABSTRACT

The present work deals with Plato's Problem, or the hypothesis of stimulus poverty, in contemporary philosophy. Noam Chomsky inaugurated the so-called cognitive revolution in the 1950s after publishing his review of Skinner's book *Verbal Behavior*. Chomsky's criticism of behaviorism is based on the poverty of stimulus hypothesis, understanding that the child has limited and incomplete information about the language and even so, in such a short period of time, acquires its grammar. Chomsky takes up Plato with regard to innate ideas and proposes the theory of Universal Grammar, which would be a set of universal and necessarily valid knowledge, which would be embedded in the genetic inheritance of human beings, specifically in the mind, which would enable the acquisition of language. For a long time, Chomsky's innateness figured prominently in research on language acquisition, and Universal Grammar offers robust solutions for syntax acquisition. However, with regard to the acquisition of a phonological system, Universal Grammar does not explain the acquisition of segments or how their mental representation takes place in the child. Recent researches such as the one by the linguist Elan Dresher and the speech therapist Carmen Lúcia Barreto offer us alternatives to think about the acquisition of a phonological system, proposing that, contrary to what was proposed by Chomsky, there is not a poverty of stimuli regarding acoustic images, and therefore the phonological system is learned rather than acquired via innate structures of the mind.

Keywords: Plato's Problem, Poverty of stimulus hypothesis, Chomsky, Acquisition of phonological system

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O PROBLEMA DE PLATÃO E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM PARA CHOMSKY	15
2.1 O PROBLEMA DE PLATÃO E A IDEIA DOS PRINCÍPIOS UNIVERSAIS	18
2.2 A GRAMÁTICA UNIVERSAL E A GRAMÁTICA GERATIVA.....	24
3 RESPOSTAS ALTERNATIVAS À HIPÓTESE DA POBREZA DE ESTÍMULO	28
3.1 DRESHER E O NÃO-INATISMO DAS PROPRIEDADES FONOLÓGICAS	30
3.2 CARMEN LÚCIA BARRETO E A GRAMÁTICA FONOLÓGICA	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da linguagem é um fato fundamental na história humana. A organização dos seres humanos em sociedade como conhecemos não seria possível sem a linguagem. É possível dizer que a vida em sociedade e a linguagem surgiram praticamente ao mesmo tempo, e foram se tornando, juntas, mais e mais complexas. Há muitas teorias que tentam explicar como a linguagem, especialmente a linguagem verbal como conhecemos, surge nos seres humanos; e que tentam explicar o porquê da variabilidade das línguas. Afinal, como explicar porque temos tantas línguas diferentes, e como explicar o fato de que línguas diferentes são produzidas com sotaques diferentes?

Independente da forma como a linguagem surge nos seres humanos, a ciência ainda se esforça para entender como adquirimos linguagem; em outras palavras, como aprendemos a nos comunicar.

A filosofia da linguagem tem como um de seus objetivos responder exatamente a essa pergunta. Neste sentido, a filosofia da linguagem propõe teorias de aquisição da linguagem, que devem preocupar-se em responder a duas questões básicas: o problema lógico da aquisição da linguagem (em tempo relativamente curto e apresentando um processo de uniformidade e universalidade) e a questão do processo psicológico do desenvolvimento (os sucessivos estágios apresentadas pela criança durante a aquisição de uma determinada língua). Na contemporaneidade, duas das principais teorias figuram no debate acerca de como crianças aprendem a entender e falar uma língua; elas são as teorias **behaviorista** e **inatista**.

Uma das primeiras explicações científicas para a aquisição da linguagem foi dada por Skinner (1957). Como um dos pioneiros do **Behaviorismo**, ele atribuía o desenvolvimento da linguagem à influência do meio.

Os teóricos do Behaviorismo, não somente Skinner, desenvolveram suas teorias enquanto conduziam uma série de experimentos em animais. Foi observado que ratos e pássaros, por exemplo, poderiam ser ensinados a realizar diversas tarefas quando se encorajavam a formação de hábito associados a gatilhos e recompensas. Pesquisadores recompensavam o comportamento desejado, e isso criava uma resposta automática a determinados gatilhos. Isso é compreendido como **reforço positivo**. Comportamento indesejado era punido ou simplesmente não recompensado; isso é o que chamamos de **reforço negativo**.

Em **Verbal Behavior**, Skinner diz:

Os processos e relações básicas que conferem características especiais ao comportamento verbal são agora bem entendidas. Muito do trabalho experimental responsável por este avanço vem sendo conduzido em outras espécies, mas os resultados se mostraram livres de restrições no que diz respeito a diferentes espécies. Trabalhos recentes mostraram que os métodos podem ser estendidos ao comportamento humano sem modificações radicais. (citado em Lowe and Graham, 1998, p 68, tradução nossa)

Skinner propunha que a criança aprende uma língua baseada em princípios de reforço do ambiente em que está inserida, fazendo associações entre palavras e os seus significados. Produções corretas eram reforçadas positivamente quando a criança percebia o valor comunicativo de palavras e sintagmas. Em outros termos, a produção oral da criança é validada pelo meio, caso esta se refira a algo do mundo de fora. Por exemplo, se uma criança diz “mamá” e a mãe sorri e entrega a mamadeira a ela, a criança entende que o resultado da produção ‘mamá’ gerou uma recompensa. A partir daí, a criança associaria a imagem acústica ‘mamá’ à mamadeira.

Skinner sugeriu que as crianças imitariam a linguagem de seus pais ou cuidadores. Tentativas bem sucedidas são recompensadas porque um adulto que reconhece uma palavra falada por uma criança irá reagir positivamente e/ou dar a ela o que ela está pedindo. Produções bem-sucedidas são, portanto, reforçadas enquanto as mal-sucedidas são ignoradas pelos adultos e esquecidas pela criança.

Embora haja alguma verdade na explicação de Skinner, há também muitas objeções a ela. A começar pelo fato de que a linguagem é baseada num conjunto de estruturas as quais não conseguem ser organizadas simplesmente via imitação de produções orais. Os erros cometidos por crianças revelam que elas não estão apenas imitando, mas ativamente organizando o conteúdo percebido e aplicando regras. Por exemplo, uma criança que fala “comei” ao invés de “comi” não está imitando um adulto, e sim **super generalizando uma regra**. A criança aprendeu em algum momento que a adição do morfema /ei/ ao final de verbos formaria a forma passada, o que é o caso para brincar/brinquei, por exemplo. O “erro” ocorre aqui, não porque /ei/ não é um dos morfemas usados para flexionar verbos no passado, mas sim porque o verbo em questão não admite tal morfema.

Um outro ponto importante a ser comentado é o fato de que crianças passam pelos mesmos estágios no processo de aquisição de linguagem. Parece haver uma sequência definida de estágios. A isso chamamos de **marcos do desenvolvimento da linguagem**. Esta sequência de estágios parece se manter inalterada quando consideramos a aquisição típica de linguagem, mesmo em crianças nascidas em diferentes sociedades, que falam línguas diferentes.

Ainda sobre as limitações da hipótese Behaviorista acerca da aquisição da linguagem, é necessário pontuar as limitações da produção da criança no que diz respeito a imitar o adulto. Segundo a demonstração do psicolinguista David McNeill (nascido em 1933), crianças são aparentemente incapazes de repetir algumas estruturas produzidas por um adulto, especialmente se ela ainda não começou a usar a estrutura espontaneamente. Segue uma das demonstrações de David. A demonstração em questão envolve a negação de verbos:

Criança: Ninguém não gosta de mim.
 Mãe: Não. Diga "Ninguém gosta de mim."
 Criança: Ninguém não gosta de mim.
 (Oito repetições deste diálogo)
 Mãe: Não, agora ouça com atenção: diga, "Ninguém gosta de mim."
 Criança: Ah! Ninguém não gosta de mim.
 (McNeil em *The Genesis of Language*, 1966, tradução nossa)

Apesar de o exemplo acima referir-se a uma situação em que a criança é corrigida, é importante entender a relação entre o processo de aquisição de linguagem e o acesso que a criança tem à informação **negativa**. Segundo o Behaviorismo, é através do reforço positivo que a criança acumula exemplos do que é gramaticalmente aceito e não aceito em determinado idioma. Ainda, a hipótese Behaviorista postula que a criança teria acesso a evidências negativas, em outras palavras, exemplos explícitos do que seria gramaticalmente incorreto. Contudo, como pontuado pelo linguista, lemos que:

A questão das evidências negativas centra-se no fato de que as crianças normalmente não encontram frases não gramaticais marcadas como tais. Uma criança não ouvirá, por exemplo, uma frase como "A criança que está ao lado do homem está feliz?" Junto com uma etiqueta para indicar que a frase é desviante. Portanto, surge a questão de como as crianças sabem que essas sentenças não são gramaticais. As crianças não são apresentadas a essas frases e dizem que elas não são gramaticais. Nem (assim vai a teoria) eles produzem essas sentenças não gramaticais apenas para serem sistematicamente corrigidas por seus pares (KING, 2015, p.50, tradução nossa).¹

Willard Quine (1908-200) também enfatizava o papel do reforço e punição no processo de aquisição da primeira língua. O cenário Quineano de uma criança aprendendo a sua primeira língua envolve a criança usando o seu instinto inato de balbuciar para tentar produzir as primeiras palavras. Os pais ou cuidadores reforçam e/ou punem essas emissões

¹ The issue of negative evidence centers on the fact that children do not typically encounter ungrammatical sentences that are marked as such. A child will not, for example, hear a sentence such as 'Is the child who beside the man is happy?' along with a tag to indicate that the sentence is deviant. So the question arises as to how children know that these sentences are ungrammatical. The children are not presented with these sentences and told they are ungrammatical. Nor (so the theory goes) do they produce these ungrammatical sentences only to be systematically corrected by their peers (King, 2015, p. 50)

até que a criança forme um padrão de comportamento verbal que será aplicado ao ambiente social em que a criança está inserida. Como Quine coloca em **Word and Object** (Palavra e objeto):

Pessoas que crescem na mesma língua são como arbustos diferentes aparados e treinados para tomar a forma de elefantes idênticos. Os detalhes anatômicos de galhos e galhos cumprirão a forma elefantina de maneira diferente de arbusto para arbusto, mas os resultados externos gerais são semelhantes (QUINE, 1960, p. 8, tradução nossa).²

Frente aos argumentos propostos pelo behaviorismo, Noam Chomsky publica, em 1957, uma crítica ao livro **Conduta verbal**, de Skinner, e inaugura a chamada revolução cognitiva. A revolução cognitiva é o nome pelo qual ficou conhecido um movimento intelectual nos anos 50 que combinava um novo pensamento em diversas áreas como psicologia, antropologia e linguística devido aos avanços no campo da inteligência artificial, computação e neurociência.

Na psicologia, a revolução cognitiva representa uma resposta ao behaviorismo, que era uma escola predominante na psicologia experimental à época. Na linguística, a revolução cognitiva inaugurada pela resposta de Chomsky à Skinner representa uma mudança de paradigma em relação à forma que crianças adquirem linguagem, passando de uma visão em que a linguagem era um comportamento aprendido para uma compreensão de que a linguagem emerge da criança. Como explicita a estudiosa, observamos que:

Defendendo uma posição francamente mentalista, Chomsky demonstrará a insuficiência explicativa do modelo behaviorista, aduzindo a evidência de que o conhecimento linguístico da criança extrapola qualquer esquema de aprendizado do tipo estímulo-resposta, por tentativas e erros, ou mesmo imitação (CARNEIRO, 2010, p. 58).

Somado aos argumentos apresentados acima que indicam as limitações da hipótese behaviorista, Chomsky focou particularmente na pobreza de estímulo que a criança recebe. Adultos não produzem sentenças gramaticalmente completas e corretas o tempo todo. Somado a isso, tudo que a criança ouve é somente uma pequena amostra das possibilidades de uma língua.

Chomsky conclui que as crianças dispõem de uma faculdade inata para a aquisição de linguagem. De acordo com a sua teoria, este processo é determinado biologicamente, sendo que:

² People growing up in the same language are like different bushes trimmed and trained to take the shape of identical elephants. The anatomical details of twigs and branches will fulfill the elephantine form differently from bush to bush, but the overall outward results are alike (QUINE, 1960, p. 8, tradução nossa)

[...] a faculdade da linguagem é exclusiva da nossa espécie e está inscrita na própria herança genética do ser humano. Compreendida como dotação biológica, a linguagem seria equiparada a outros aspectos relativos ao desenvolvimento da estrutura física do corpo; nascemos programados para falar, assim como para ter braços e pernas, ou atingir a puberdade. A influência do ambiente ou da experiência seria secundária, nesse caso, face à programação prevista no mapa filogenético da espécie (CARNEIRO, 2010, p. 58).

Na sua resenha a *Verbal Behavior*, Chomsky lança as ideias básicas que viriam a nortear os estudos sintáticos posteriores e revoluciona a linguística ao introduzir a relação entre pensamento e linguagem. Neste trabalho, Chomsky delimita as bases teóricas assumidas em relação à aquisição da linguagem com a sua teoria gerativa, e inaugura uma nova corrente teórica chamada **inatismo**. Em resumo, a hipótese inatista defendida por Chomsky afirma que o ser humano é dotado de uma gramática inata, ou seja, a teoria demanda que o ser humano nasce programado biologicamente para desenvolver a competência linguística, que se desenvolve plenamente a partir da criatividade do falante. Trabalhos posteriores do autor desenvolvem melhor a teoria gerativa, podendo-se dizer que seu apogeu se deu sob a abordagem dos princípios e parâmetros.

Ainda hoje a hipótese inatista prevalece entre linguistas como uma explicação razoável para a aquisição da linguagem, especialmente sob a perspectiva da hipótese da pobreza de estímulos, que é o foco do presente trabalho.

Como abordado nos parágrafos anteriores, a causa da aquisição da linguagem não é exterior à mente; ao contrário, a mente seria dotada de propriedades inatas próprias do mecanismo de aquisição da linguagem. A questão que Chomsky precisa responder então é, como a criança, tendo acesso a versões imperfeitas e incompletas da linguagem, desenvolve um sistema gramatical e fonológico complexo em tempo relativamente curto, e porque este processo acontece de maneira uniforme em crianças de diferentes sociedades. A hipótese da pobreza de estímulo proposta por Chomsky como o cerne da hipótese inatista é chamada de **Problema de Platão**.

Neste trabalho dividido em três partes, serão abordados pontos importantes na discussão acerca da hipótese da pobreza de estímulo na aquisição da linguagem, especialmente na aquisição de um sistema fonológico. Na primeira parte, delimitaremos o Problema de Platão e como as hipóteses da gramática universal e gramática gerativa respondem ao problema lógico da aquisição, mapeando alguns pressupostos filosóficos e conceituais subjacentes a tal abordagem. Na segunda parte, discutiremos algumas respostas alternativas ao Problema de Platão dadas pelo linguista Elan Dresher e pela fonoaudióloga Carmen Lúcia Barreto. O primeiro entende que, ao contrário do que Chomsky propõe, a aquisição de um sistema fonológico não é inata. A linguagem em crianças típicas é um fenômeno substancialmente oral. Partindo da teoria dos princípios e parâmetros,

Dresher pontua que a criança, por mais que disponha de uma capacidade inata para adquirir linguagem, exerce um papel ativo no seu próprio processo de aquisição através do desenvolvimento de um mecanismo de identificação e contraste de propriedades fonológicas ativas para catalogar sons, diferenciar fonemas e criar uma representação mental dos signos linguísticos. Carmen Lúcia Barreto avança na discussão e também propõe que o caminho para a construção do conhecimento fonológico na aquisição da língua materna é evidenciado pela variabilidade no emprego de consoantes, até a integralização do inventário fonológico da língua alvo.

Este trabalho tem como objetivo explorar algumas acepções contemporâneas acerca do tema da hipótese da pobreza de estímulo como ponto de partida para a aquisição de linguagem, e explorar como a mente e as representações mentais desempenham um papel central neste processo, mas também como a criança constrói ativamente as bases fonológicas para se comunicar verbalmente de forma eficaz, partindo da teoria inatista do filósofo e linguista Noam Chomsky, e das contribuições de Elan Dresher e Carmen Lúcia Barreto no que diz respeito ao papel ativo que as crianças desempenham no processo de representação mental e aquisição de um sistema fonológico.

2 O PROBLEMA DE PLATÃO E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM PARA CHOMSKY

Chomsky se posiciona no debate entre racionalistas e empiristas, toma partido pelos primeiros e ressuscita uma noção que se julgava esquecida e abandonada, a saber, a noção das ideias inatas ou de conhecimento inato. Neste tópico faremos uma breve reconstrução histórica da gênese da noção das ideias inatas por Platão no diálogo **Mênon**, até chegar à sua retomada na contemporaneidade, de maneira totalmente nova por Noam Chomsky, a partir de outras áreas do saber, como a psicologia e a linguística.

O “problema de Platão” ao qual Chomsky se refere pode ser expresso nos seguintes termos: Como é possível que os seres humanos, cujo contato com o mundo é breve, limitado, e pessoal, sejam capazes de saber tanto quanto sabem? Este problema surge no diálogo intitulado **Mênon**, de Platão.

Naquele que não sabe, sobre as coisas que por ventura não saiba, existem opiniões verdadeiras - sobre estas coisas que não sabe?
(PLATÃO, 2001, p.63)

O **Mênon** é o diálogo platônico no qual, pela primeira vez na cultura ocidental, é feita alguma menção à concepção de algo inato. O tema do diálogo gira em torno do que é a virtude e se ela pode ser aprendida. Mênon coloca Sócrates de frente a um dilema aparentemente insolúvel. Segundo Mênon, é impossível conhecer qualquer coisa sobre a virtude ou sobre qualquer coisa, absolutamente. Mênon sustenta seu argumento baseando-se no argumento sofista de que não é possível conhecer coisa alguma. O ponto chave do diálogo se dá quando confrontamos-nos com o seguinte dilema: como reconhecer alguma coisa? Ou a coisa não nos é conhecida, e daí faz sentido buscar conhecê-la, mas então como saberemos que é, ela, exatamente, a coisa que estávamos buscando, caso a encontrarmos? Por que se já conhecemos, não faz sentido buscar conhecer o que já se conhece. Diante deste aparente insolúvel dilema, Platão, por meio de Sócrates, aponta uma terceira via a Mênon. É possível falar de um conhecimento vago de algo, e aí faz sentido buscar aprofundar este conhecimento até que se torne palpável e consciente. Este conhecimento vago também é o suficiente para servir como uma **pedra de toque**³ da própria busca pelo conhecimento. É justamente nesta terceira via que Sócrates introduz a hipótese inatista. Sócrates diz ter ouvido uma determinada doutrina de poetas e adivinhos, como inspiração divina, doutrina segundo a qual a alma seria **imortal** e que o que entendemos por **conhecer** não seria mais do que **recordar**. (PLATÃO, 2001, p. 53)

³ elemento que serve para avaliar ou no qual se manifesta a essência ou a verdadeira natureza de algo

Platão supõe que temos um conhecimento prévio que a alma traz consigo desde o seu nascimento e que resulta da contemplação das formas, as essências das coisas, às quais contemplou antes de encarnar no corpo material e mortal. Ao encarnar no corpo, entretanto, a alma tem a visão das formas obscurecida. O filósofo tem um papel de, por meio da maiêutica socrática, despertar esse conhecimento esquecido, contribuindo para que o indivíduo possa aprender por si mesmo.

Procurando demonstrar esta terceira via alternativa para o impasse colocado, Sócrates pede a Mênon que traga um de seus escravos. Sócrates certifica-se de que o escravo não recebera qualquer tipo de instrução matemática, então propõe a ele um problema geométrico. O desafio era construir um quadrado com o dobro da área de um dado quadrado. Após algumas tentativas sem sucesso, o escravo conclui que basta duplicar os lados do quadrado original, o que o levaria a um quadrado com área quatro, e não duas vezes maior. Sócrates então consegue conduzir o escravo à resposta correta: o quadrado deve ser construído a partir da diagonal do quadrado original. (PLATÃO, 2001, p. 59)

Assim, Sócrates mostra com o exemplo do escravo que “num homem que não sabe, há muitas opiniões verdadeiras concernentes àquilo que ele não sabe” (KATZ, p. 34, tradução nossa). Sócrates parece também responder ao paradoxo sofista com outro paradoxo: num homem que não sabe pode haver opiniões verdadeiras, ou seja, saber ou conhecimento.

É importante retomar as condições que Platão estabelece para atribuir conhecimento a uma pessoa: (i) ter uma opinião, (ii) a opinião ser verdadeira, (iii) ter razões que fundamentam suficientemente a opinião. Em suma, é possível que as pessoas tenham opiniões verdadeiras sobre algo, porém por mero acaso. A intuição não é conhecimento até que esta se baseie em razões que a fundamentam. No caso do escravo, Sócrates entende que este detinha um **conhecimento vago** sobre geometria, e por ter posse de tal conhecimento, o escravo foi capaz de reconhecer os erros cometidos por ele mesmo ao tentar duplicar a área do quadrado, e encontrou a resposta certa.

Sócrates continua seu discurso, explicando como o conhecimento vago se torna um **conhecimento permanente**, através de um **interrogatório contínuo**. Prossegue Sócrates:

Pois também as opiniões que são verdadeiras, por tanto tempo quanto permaneçam, são uma bela coisa e produzem todos os bens. Só que não se dispõe a ficar muito tempo, mas fogem da alma do homem, de modo que não são de muito valor, até que alguém as encadeie por um cálculo de causa. E isso, amigo Mênon, é a reminiscência, como foi acordado entre nós nas coisas <ditas> anteriormente. E quando são encadeadas, em primeiro lugar, tornam-se ciências, em segundo lugar, estáveis. E é por isso que a ciência é de mais valor que a opinião correta, e é pelo encadeamento que a ciência difere da opinião correta (PLATÃO, 2001, p. 102).

Aqui vemos Sócrates fazer menção à recordação como o processo pelo qual as opiniões verdadeiras se tornam permanentes, ou seja, se tornam conhecimento. De acordo com o filósofo, seu interrogatório nada ensinou ao escravo que ele já não soubesse, apenas o fez ver reconhecer a resposta correta. Desta forma, ele conclui que o processo não passou de **reminiscência**, ou seja, de um recordar de algo que o escravo já sabia previamente, embora não claramente. Se o escravo não recebeu nenhuma educação em sua vida antes deste encontro com Sócrates, é razoável assumir que ele detinha este conhecimento (sobre geometria) antes de ter nascido, ou “num tempo em que ele ainda não era homem” (PLATÃO, 2011, p.62). Desta forma, a possibilidade desse conhecimento inato é explicada por Sócrates fazendo recurso à doutrina da imortalidade da alma. Pois,

Sendo a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas <que estão> aqui quanto as <que estão> no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto com respeito à virtude quanto aos demais, ser possível a ela rememorar aquelas coisas justamente que já antes conhecia. Pois, sendo a natureza toda congênere e tendo a alma aprendido todas as coisas, nada impede que, tendo <alguém> rememorado uma só coisa-, essa pessoa descubra todas as outras coisas, se for corajosa e não se cansar de procurar (PLATÃO, 2001, p. 51-52).

É importante ressaltar, todavia, que a afirmação de que a alma já aprendeu tudo só pode se referir a objetos de conhecimento que são independentes das contingências da experiência temporal e espacial; do contrário o homem já conheceria tudo em absoluto, e a sua figura poderia ser comparada a de um Deus. Em outras palavras, o inatismo de Platão se refere ao conhecimento *a priori*, ou seja, um conhecimento universal e necessariamente válido. É somente para este gênero de objetos que Platão admite haver realmente conhecimento no sentido próprio do termo, e conhecimento inato.

É justamente esta ideia de um **conhecimento universal e necessariamente válido** que é apropriada por Chomsky na construção de sua hipótese inatista para a aquisição da linguagem. Segundo Chomsky, a aprendizagem de uma língua é um exemplo notável da pobreza de estímulos a que estamos submetidos, da qual resulta, paradoxalmente, que venhamos a saber muito mais do que o que nos é “ensinado” ou do que aquilo a que somos expostos. No capítulo a seguir, iremos explorar a hipótese da pobreza de estímulo mais a fundo e como Chomsky explora os conceitos de um conhecimento universal e necessariamente válido para fundamentar a sua hipótese inatista e os conceitos de Gramática Universal e Gramática Gerativa.

2.1 O PROBLEMA DE PLATÃO E A IDEIA DOS PRINCÍPIOS UNIVERSAIS

A hipótese da pobreza de estímulo é mais uma coleção de argumentos que se relacionam e se apoiam mutuamente do que um argumento perfeitamente circunscrito. Isso acontece porque Chomsky frequentemente combina discussões filosóficas acerca do inatismo com discussões de teoria linguística. O autor estrutura a sua abordagem filosófica do Problema de Platão ao longo de suas investigações desde a crítica à *Verbal Behavior (Comportamento Verbal)*, e o termo Pobreza de Estímulo aparece no livro *Knowledge of Language*, de 1986.

Combinando os argumentos do autor, chegamos no que chamamos de uma versão padrão do Argumento da Pobreza de Estímulos. Os passos que levam ao argumento podem ser compreendidos a seguir:

1. Crianças aprendem sua primeira língua através de informação do meio ou de algum conhecimento inato.
2. Se crianças humanas adquirem linguagem através de informação do meio, então elas nunca conseguiriam aprender alguma coisa à qual nunca tivessem sido expostas.
3. Mas crianças aprendem coisas mesmo sem evidência crucial destas coisas.
4. É impossível que a criança interaja com todas as possibilidades de construções de frases para computar as infinitas possibilidades de arranjos gramaticais.
5. Desta forma, crianças não aprendem a sua primeira língua através de informação do meio, exclusivamente.
6. Conclusão: humanos aprendem a sua primeira língua através de um mecanismo inato imediatamente disponível. (adaptado de Stephen Laurence and Eric Margolis, 2001, p. 221, tradução nossa)

O inatismo proposto por Chomsky é evidente quando analisamos o passo a passo teórico do autor para circunscrever o argumento da pobreza de estímulo. Outro ponto evidenciado por este passo a passo é a rejeição da explicação behaviorista da aquisição da linguagem, uma vez que ele não vê na interação com o meio uma das pré-condições para a aquisição da linguagem.

O principal motivo da retomada à Platão, por Chomsky, é o fato de que parece haver uma convergência das intuições que as crianças têm sobre a língua que estão adquirindo. Consideremos a frase: “Eu vi com ele ontem o filme”. A primeira coisa que podemos apontar não diz respeito à compreensibilidade, nem se é o caso que se trate ou não de uma frase ininteligível ou de significado obscuro. Ela simplesmente **não** é uma frase gramaticalmente correta na língua portuguesa, e qualquer falante nativo compreende a frase mas também reconhece que ela não é gramaticalmente correta, e o faz sem a menor hesitação. A segunda coisa que podemos observar é que não se trata de uma frase longa ou complexa. É uma frase sem muito valor agregado. Por último, qualquer um que julgar uma frase “ruim” ou que não entender a frase não foi ensinado formalmente ou explicitamente. Uma vez que a frase transmite a mensagem com eficácia, ela simplesmente faz parte do conjunto aceitável de possibilidades de arranjo destas palavras numa frase. Em outras palavras,

reconhecer esta frase com uma frase possível, mesmo que gramaticalmente incorreta, faz parte do que significa saber a língua portuguesa. Com base nestas afirmações, parece correto dizer que ninguém tem a sua língua materna ensinada **explicitamente** a fim de que a língua seja adquirida.

Uma vez adquirida a linguagem, uma criança consegue dizer se esta frase parece “correta” ou não, mesmo sem que conheça explicitamente regras gramaticais complexas do português. Como dito acima, esta é simplesmente uma frase aceitável no idioma. Como também dito anteriormente, a criança desenvolve mecanismos de identificação de sentenças possíveis ou não dentro da língua com a qual está interagindo, e mesmo que entre em contato com determinadas estruturas, jamais entrará em contato com todas as possíveis combinações de palavras para que tenha evidência concreta das combinações possíveis ou não.

Para além da identificação, ou seja, da decodificação do estímulo, está a produção da criança. Skinner propõe que através do reforço positivo, e da repetição e instrução explícita, ensinamos a criança a falar, repetindo inúmeras vezes determinada palavra ou estrutura. É exatamente este o ponto ao qual Chomsky se opõe. De acordo com ele, uma criança jamais é ou poderia ser submetida à totalidade de estímulos que explicariam o seu comportamento verbal, que se torna muito mais complexo do que a simples repetição de palavras e estruturas. O componente principal, segundo o autor, seria a **criatividade**, capacidade que faria a criança produzir elementos novos e jamais ouvidos por ela antes, e não o condicionamento, como propunham os behavioristas.

Sem o argumento da pobreza de estímulos, os behavioristas também não conseguem explicar a rápida aquisição da linguagem por parte da criança, chamada de explosão lexical. Com 2 a 3 anos de idade, a criança já domina grande parte da gramática de sua primeira língua. Chomsky acredita que simplesmente não é verdadeira a afirmação de que a criança depende do reforço para adquirir a linguagem. Não parece ser o caso que a criança profira uma palavra ou estrutura repetidas vezes na presença de mais velhos para que ela garanta o reforço. Este comportamento se torna ainda menos plausível quando consideramos estruturas frasais e sentenças completas.

Chomsky não exclui completamente a relevância do meio no processo de aquisição da linguagem, mas também entende que o meio não fornece todas as ferramentas necessárias para que a aquisição da linguagem por parte da criança aconteça. Como dito na introdução deste trabalho, o autor é um dos grandes nomes da chamada **revolução cognitiva** pois leva a filosofia da linguagem e a linguística a mudarem de perspectiva em relação aos mecanismos e agentes atuantes no processo de aquisição da linguagem. Para além do meio e dos estímulos que este fornece à criança, a própria criança usa a sua **criatividade** para atuar ativamente no processo de aquisição da linguagem. O seu

comportamento verbal supera, qualitativamente, os estímulos aos quais é exposta. A partir de Chomsky, estudar o comportamento verbal da criança não é mais estudar a sua produção verbal como se estuda um objeto, mas sim estudar os mecanismos da mente que permitem tal comportamento verbal. Indo de encontro aos behavioristas, o pensamento de Chomsky tira do comportamento o estatuto de objeto. Usando as palavras do próprio autor,

a perspectiva cognitiva vê o comportamento e seus produtos não como objeto de investigação, mas como dados que podem fornecer evidências sobre os mecanismos internos da mente e os modos como esses mecanismos operam ao executar ações e interpretar a experiência (CHOMSKY, 1998, p. 21).

A passagem acima deixa evidente que Chomsky abandona a ideia de se aprender uma língua - entendendo aprender como o comportamento verbal eficaz ensinado à criança por um falante competente. Entender a linguagem como algo adquirido pressupõe mecanismos já estabelecidos e anteriores à exposição e interação da criança com a língua para que a linguagem emergja. Insisto neste passo a passo teórico pois, antes de prosseguirmos para a Teoria dos Princípios e parâmetros, é necessário fazer um recorte do papel da representação mental no argumento da Pobreza de Estímulo.

O que torna Chomsky um autor tão interessante e audacioso é o fato de ele ter sido um dos primeiros a atentar-se para a relação específica e necessária entre a mente e a linguagem como instâncias, de natureza biológica, inseparáveis e plausíveis de serem concebidas, juntamente, como um único objeto de estudo.

A mudança de paradigma que a proposta de Chomsky representa reside no fato de que o que deve ser explorado é a mente, e não o ambiente. A linguística, a partir deste momento, “ganha o estatuto de ciência cognitiva, ou seja, de ciência natural que se ocupa dos fenômenos simbólicos enquanto ocorrências na mente/cérebro”. (GARDNER, 2003, p. 126). Colocar a faculdade mental no circuito das investigações sobre a aquisição de linguagem faz Chomsky assumir uma perspectiva naturalista e internalista, e o força a investigar a forma como o conteúdo mental interage e contribui no processo de aquisição da linguagem.

Na filosofia, a **representação mental** é o processo pelo qual o ser humano substitui algo real e externo por algo mental. É uma unidade básica do pensamento humano. A representação mental permite que o humano consiga imaginar e pensar o conceito sem que ele esteja presente. É a capacidade de combinar ideias, e é através da representação mental que o sujeito organiza o seu conhecimento. Nossas representações mentais estão diretamente associadas às nossas experiências de vida e cultura. Cada sujeito tem a sua representação de conceitos como virtude, já que a representação varia de acordo com o que foi aprendido durante a vida, por exemplo. Mas isto não muda o fato de que há uma

instância mediadora entre o input e o output (o que percebemos, com o que interagimos e o que filtramos e o que produzimos e externalizamos). Sem a representação mental também não haveria memória.

Entender a representação mental era tão fundamental para Chomsky porque a ciência precisava lidar com este conjunto de símbolos, regras e imagens mentais que existia entre os **estímulos** da teoria behaviorista e os **respostas** emitidas pelo organismo. Chomsky insistia no estudo das representações mentais pois, para ele, conhecer e compreender a natureza humana seria uma tarefa inviável se apenas olhasse-mos para o comportamento. Ainda, seria uma tarefa impossível compreender o comportamento linguístico sem entender quais as regras primordiais que regiam o processamento mental de uma proposição. Era imprescindível que se descobrisse como as representações mentais geram proposições linguísticas. Compartilhando da ideia cognitivista da época de que o processamento biológico devia ser um fator crucial na compreensão da linguagem, o autor entendia que parte das regras responsáveis pelo comportamento linguístico humano era inata, ou seja, figurava de alguma forma dentro do aparato biológico do ser humano. Aqui conseguimos ver claramente o paralelo entre o diálogo *Mênon* e a proposta de Chomsky. Da mesma forma que Sócrates sugere que há um **conhecimento universal e necessariamente válido**, anterior à experiência, Chomsky indica que a mente dispõe de algum mecanismo que torne possível a aquisição da linguagem.

O rumo da pesquisa pós-behaviorista se torna uma investigação do humano que leva em consideração que este é dotado de um poder gerativo do pensamento, o qual o distingue de outros animais. Essa capacidade geradora infinita deveria ser entendida como qualitativamente diferente das capacidades dos animais e não como uma questão de maior ou menor complexidade entre as espécies, necessariamente. Em outras palavras, Chomsky acreditava em uma capacidade inata exclusiva ao ser humano de produzir pensamento tal qual produzimos, e de produzir linguagem em um nível altamente complexo e **criativo**, capacidade esta que nunca poderia ser exibida em nenhum outro animal. A insistência nesta capacidade criativa ser algo fundamentalmente humano se justifica uma vez que, se fosse o caso de tal capacidade ser aprendida, outros animais poderiam adquiri-la e poderiam assim ser dotados da mesma capacidade de pensamento, o que não é o caso.

Desta forma, era a geratividade do pensamento humano o aspecto mais importante a ser considerado no estudo da linguagem. O humano disporia de um poder de criar infinitas sentenças diferentes, partindo de um conjunto finito de regras e dados do meio ambiente. Esta aceção da criatividade no humano fica mais evidente quando Chomsky introduz os conceitos de gramática universal e gramática gerativa, pontos discutidos mais adiante neste trabalho.

Mas é a partir desta capacidade de representar mentalmente, combinar elementos de forma criativa e assim gerar novos pensamentos e representações que o humano adquire linguagem. O autor, no entanto, atenta-se para o fato de que esta faculdade humana inata é compreendida em diferentes estados, e que sofreria um processo de maturação, passando por uma sequência de estados a partir das experiências dos indivíduos até atingir um estado estável. Estes estados serão mais bem elaborados no capítulo seguinte. (CARNEIRO, 2010 p. 59) Por hora, vamos fazer o caminho intelectual de Chomsky para entender como esse mecanismo funcionaria na prática.

O autor entende que essa nova proposta gerativa da linguagem é limitada no sentido de explicar o funcionamento do mecanismo e do estado inicial da faculdade da linguagem. Um novo objetivo surge na proposta de Chomsky, que é compreender o número de regras inatas que a criança dispõe, e explicar como este conjunto se associa com a capacidade criativa e descritiva. É importante não perder de vista que o esforço do autor é de propor uma teoria que resolva o problema lógico da aquisição da linguagem e os processos psicológicos envolvidos. Neste sentido, Chomsky não está preocupado em descrever como uma determinada língua específica é adquirida pelos falantes, mas sim em como essa predisposição inata funciona e atua no processo de aquisição da linguagem. Partindo do pressuposto de que há na mente conhecimentos universais e necessariamente válidos, o autor desenvolve a ideia de **princípios universais** que deveriam pertencer ao escopo de uma teoria linguística propriamente dita, e não, como já dito, constar das gramáticas de línguas particulares. Em outras palavras, estes princípios não constituem o que seria propriamente aprendido ou adquirido, mas como a linguagem era aprendida e adquirida.

A ideia de **princípios universais** tem como objetivo circunscrever o que é de domínio amplo quanto à linguagem de modo geral, e o que é de domínio específico de cada língua. Chomsky elabora alguns trabalhos acerca dos princípios universais, um deles sendo **A-over-A condition**. Neste artigo, ele tinha como objetivo limitar a aplicação das regras para um subconjunto menor de possibilidades lógicas. Um exemplo: se sintagmas nominais pudessem incluir dentro deles outros sintagmas nominais, então qualquer regra mencionada como sintagma nominal tinha de ser elaborada referindo-se à instância mais inclusiva. Vamos a um exemplo: Consideremos a frase “Aline varreu a casa.”. As perguntas podem ser: (a) Aline varreu o quê?”, e (b) O que Aline varreu?”, onde o pronome interrogativo “que” funciona como um sintagma nominal e a resposta será um objeto direto “a casa” do verbo “varrer”. Vamos considerar as seguintes frases agora:

- (a) Aline varreu [sn⁴ [sn a casa] e [sn a varanda]
- (b) Aline varreu [sn [sn a casa] que estava suja de [sn terra]]

⁴ sintagma nominal

Os colchetes nas frases acima indicam o objeto direto e indireto em cada caso, que consiste de um sintagma nominal com outro sintagma nominal nele embutido. Assim, como o pronome “que” pode ser substituído por “a casa” no exemplo anterior, também pode substituir “a casa e a varanda” ou “a casa que estava suja de terra”.

Curiosamente, não é possível interrogar sobre as subpartes daqueles sintagmas nominais, pois as perguntas a seguir simplesmente não fazem sentido de serem perguntadas desta forma. Seguem:

O que Aline varreu a casa e?

O que Aline varreu - e a varanda?

O que Aline varreu a casa e que estava suja de?

Embora irrelevantes à primeira vista, estes exemplos servem para explicar a pressuposição de que quando a criança está elaborando quais são as regras de sua língua materna, ela ignora uma grande quantidade de alternativas. E este é um dos princípios universais. Há possibilidades de arranjos logicamente possíveis, mas que são excluídos pelo princípio universal. A regra “A-over-A condition” é um destes exemplos de princípios universais, que não são ensinados explicitamente para a criança, mas que mesmo assim aparecem no processo de aquisição da linguagem. (CHOMSKY, 1964)

O que a noção dos princípios universais busca responder é a pergunta sobre como a criança constrói o seu modelo de aquisição para a linguagem, ou seja, uma espécie de teoria da construção gramatical. Uma criança que tenha aprendido uma língua desenvolveu uma representação interna de um sistema de regras que determina como frases são formadas, quais as combinações válidas, e como frases devem ser compreendidas

Segundo o autor, o aprendizado de uma língua exige que a criança

construa uma gramática com base em tais dados [os proferimentos linguísticos realizados no meio ambiente falante], ou seja, uma teoria da linguagem, da qual as frases bem formadas constituem uma pequena amostra dos dados linguísticos primários. Assim, para aprender uma língua, a criança tem de ter um método para projetar uma gramática apropriada, a partir dos dados linguísticos primários. Com condição prévia para o aprendizado da linguagem, [a criança] tem de estar de posse, em primeiro lugar, de uma teoria lingüística que especifica a forma de uma gramática de uma língua humana possível, e, em segundo lugar, de um estratégia para selecionar uma gramática de forma apropriada e compatível com os dados lingüísticos primários. (CHOMSKY, 1965, p. 25).

Em outras palavras, a criança desenvolve e internamente representa uma gramática que irá gerar a si mesma, a partir de dados linguísticos primários. Chomsky entende por gramática uma teoria na qual frases bem formadas que constituem os dados primários às quais ela tem acesso representam apenas pequenas amostragens. A partir dos dados

primários que a criança recebe, ela irá estabelecer as regras e construir a sua gramática. A seguir, veremos com mais detalhes como Chomsky delimita a gramática universal e a gramática gerativa, e como o estado inicial possibilita a aquisição da linguagem.

2.2 A GRAMÁTICA UNIVERSAL E A GRAMÁTICA GERATIVA

A aquisição da linguagem pela criança se dá, em grande parte, pelo fato de que os princípios universais ditam os limites de possibilidade de arranjos de sentenças de quaisquer línguas. Todavia, ainda precisamos compreender como a criatividade atua neste processo, e como a criança organiza e recombina os dados linguísticos primários para estabelecer a suas próprias regras.

Nas palavras do próprio autor, “a língua internalizada corresponde ao modo de falar e de compreender dos indivíduos” (CHOMSKY, 1997). Desta forma, o que Chomsky nos diz é que adquirir linguagem é o mesmo que desenvolver uma gramática.

O esforço do autor de construir uma teoria da aquisição da linguagem deve se preocupar em resolver o problema lógico do desenvolvimento desta gramática então. Em outras palavras, sua teoria deve incluir os pressupostos teóricos que fundamentem e expliquem como a criança, em espaço tão curto de tempo, se comunica de forma eficiente com um falante proficiente.

Até o momento, explicitamos que a linguagem é inata e exclusiva à nossa espécie, de certa forma circunscrita à própria herança genética do ser humano. Como coloca Paulina Lira Carneiro,

Com efeito, dentro dessa perspectiva biologizante, a linguagem é concebida como um “órgão mental”. Para Chomsky, por conseguinte, o cientista deveria “abordar o estudo das estruturas cognitivas, como é o caso da linguagem, de uma forma análoga àquela como estudaria um órgão do corpo - o olho ou o coração, por exemplo (CARNEIRO, 2010).

Entender a língua como um órgão do corpo também pressupõe que, em alguma medida, ela irá se desenvolver, assim como nossos corpos se desenvolvem e mudam até a puberdade. Neste ponto, temos então o início da construção do argumento da Gramática Universal proposta por Chomsky, que é construída com base na ideia dos princípios universais explicitada no capítulo anterior.

A Gramática Universal, segundo o autor, é a base sobre a qual todas as línguas humanas se constroem. Chomsky não pretende descrever uma linguagem universal, mas sim descrever o conjunto de sistemas e regras presentes, em última instância, na mente, que possibilitam ao ser humano adquirir linguagem. O autor sugere que, para além deste conjunto de regras e sistemas, deve haver algum mecanismo inato do qual somos dotados

para que a aquisição da linguagem seja possível. Este mecanismo é chamado de 'Dispositivo de aquisição de linguagem (DAL)'. (CARNEIRO, 2010, 56)

A ideia central em torno do inatismo proposto por Chomsky é construída, sobretudo, a partir dos argumentos a favor da pobreza de estímulos, ou problema de Platão, como já mencionado. Apenas retomando, Chomsky argumenta que a criança dispõe de algum conhecimento sobre linguagem, e que este conhecimento não é fornecido pelo ambiente e, logo, deve ser inato.

Enquanto a Gramática Universal é o terreno hipotético sobre o qual Chomsky constrói sua teoria de aquisição de linguagem, o autor se propõe, então, a definir as possibilidades de existência da gramática presente na fala de todos os humanos. O programa de investigação da aquisição da linguagem então é a hipótese da Gramática Gerativa.

Como já dito, o programa de investigação da Gramática Gerativa de Chomsky começa nos anos 50, à época da revolução cognitiva, quando uma mudança de perspectiva movimentou os estudos do comportamento e do produto do comportamento para os mecanismos internos responsáveis por tais no pensamento e na ação (CHOMSKY, 1997). A mudança de paradigma da revolução cognitiva coloca em foco os mecanismos de produção da linguagem, bem como as funções cognitivas relacionadas a esta produção. A gramática é chamada **gerativa** porque consiste em um sistema capaz de gerar um número indefinidamente grande de estruturas a partir de classes bem definidas, como verbos, substantivos, etc. Em outras palavras, é uma gramática que está relacionada à capacidade **criativa** da mente.

A gramática gerativa possui três principais elementos: o sintático, o semântico e o fonológico. O componente **sintático** é o sistema de regras que definem a formação das frases. O componente **semântico** é o sistema de regras que definem a interpretação das frases. O componente **fonológico** ou fonético é um sistema de regras que formam as frases a partir de uma sequência de sons. Em outras palavras, Chomsky apresenta a sua gramática como uma teoria que discute aspectos linguísticos, como a **criatividade** do falante e a sua capacidade de emitir e compreender frases inéditas. Desta maneira, a gramática seria considerada um sistema finito que permite gerar um conjunto infinito de frases gramaticais. (CHOMSKY, 1978, p. 98)

A gramática Gerativa de Chomsky teve grande influência na psicologia e também é a resposta mais robusta à teoria Behaviorista de Skinner. Uma primeira resposta que Chomsky e o seu projeto da Gramática Gerativa propõe ao Behaviorismo é a ideia de que a mente é cognitiva, isto é, a mente consciente se manifesta em estados mentais, sistemas de crenças. Uma segunda resposta é que muito do que a mente adulta pode fazer é proveniente de conhecimentos inatos. Em outras palavras, por mais que não nascemos

sendo capazes de falar, automaticamente, nascemos com uma capacidade poderosa de aprendizado de linguagem, e este processo se consolida já nos primeiros anos de vida. Uma terceira resposta, então, seria a ideia do conceito de modularidade, uma característica crítica da arquitetura cognitiva da mente. A mente é composta de um conjunto de subsistemas especializados que interagem entre si e que apresentam fluxos de intercomunicações limitados.

O que Chomsky propõe como uma alternativa ao Behaviorismo e que inaugura o seu programa de investigação da Gramática Gerativa é a busca por uma demonstração de que a mente funciona por **processos mentais**, por vezes inatos, e que a mente não depende necessariamente de estímulos ou reforços para aprender, uma vez que é dotada de uma estrutura inata capaz de assimilar a adquirir linguagem.

Chomsky aponta para uma gramática universal formada através de princípios e parâmetros. Um exemplo destes princípios seria o fato de que todo sintagma tem um núcleo, ou que todas as línguas têm alguma forma de ordenar a estrutura sujeito-verbo-objeto. Um exemplo de parâmetro seriam “interruptores” para alguns aspectos que estariam ligados ou desligados em determinadas línguas. O português, por exemplo, tem a orientação S-V-O (sujeito-verbo-objeto), o japonês, por sua vez, é SOV (sujeito-objeto-verbo).

Como dito anteriormente, o projeto de Noam Chomsky se baseia no problema de Platão, ou na hipótese da pobreza de estímulos. No processo de aquisição de linguagem, a criança é exposta a muito pouco input comparado à quantas são as possibilidades de produção daquela língua. Por vezes, crianças são expostas a construções gramaticalmente erradas, e ainda assim, adquirem todas as regras gramaticais necessárias por volta dos 5 anos de idade. A explicação, segundo o autor, e como já foi dito anteriormente, é que para aprender algo tão complexo tão rápido, a criança é dotada de uma estrutura inata que permite que ela adquira e use satisfatoriamente a linguagem. Uma das evidências a favor do inatismo é o fato de que todas as crianças adquirem linguagem quase que no mesmo ritmo, independente do idioma. O argumento aqui é de que a língua amadurece assim com o corpo amadurece também. Puberdade, crescimento, são coisas que nos acontecem, bem como a linguagem é algo que nos acontece.

[...] a linguagem seria equiparada a outros aspectos relativos ao desenvolvimento da estrutura física do corpo: nascemos programados para falar, assim como para ter braços e pernas (CARNEIRO, 2010, p. 58)

O argumento é biológico e evolucionista na medida em que somos embutidos com essa capacidade linguística de uma forma que outros animais não são.

Até este ponto, parece razoável aceitar a Gramática Gerativa e o esforço de Chomsky para explicar a Gramática Universal e como adquirimos linguagem. Todavia, Chomsky parece perder de vista o componente fonológico da linguagem, e de certa forma, ignorar a interferência do meio no processo de aquisição de um sistema fonológico.

Se de um lado temos uma teoria que nos oferece um aparato mental inato apropriado para a aquisição de linguagem, do outro temos que responder à pergunta de como imagens acústicas se transformam em produção oral representações mentais, e se combinam com os signos linguísticos a que se referem, e se agrupam sintaticamente em frases gramaticalmente corretas. Em outras palavras, como a criança acumula e organiza os sons da língua de forma a se tornar um falante?

3 RESPOSTAS ALTERNATIVAS À HIPÓTESE DA POBREZA DE ESTÍMULO

Chomsky concretiza seu projeto de desenvolver uma teoria da aquisição da linguagem e responde satisfatoriamente ao problema lógico da aquisição da linguagem, e à questão dos processos psicológicos do desenvolvimento. A gradual mudança do estado inicial até o ponto da construção da gramática pela criança, a partir da ideia dos princípios universais, aponta-nos para uma solução de ambos os problemas lógicos e dos processos psicológicos.

No entanto, a Gramática Gerativa não explicita a relação entre o gesto (a fala), a aquisição de fonemas, nem a integração destes fonemas às representações mentais da criança. O autor nos aponta na direção de que há um conjunto de dados linguísticos primários, mas sendo a linguagem em crianças típicas um fenômeno oral, não temos uma resposta sobre como se dá a construção de um sistema fonológico.

Também não é o caso que Chomsky explore como tentativa e erro juntamente com o reforço positivo atuam no processo de aquisição de morfemas de inflexão. Um exemplo seria o fato de crianças receberem o input de que o morfema /ei/ conjuga verbos no passado simples na língua portuguesa. Essa mesma criança após receber o input “trabalhei, viajei, estudei”, combina a raiz do verbo comer com o morfema /ei/ e profere “Eu **comei** bolo na escola hoje”. De alguma forma, nos parece apropriado dizer que a aquisição da gramática, ao menos da morfologia, é radicalmente interferida pelo aspecto fonológico.

No entanto, a partir da noção de princípios universais, a linguística fez avanços significativos ao tentar elaborar uma teoria que explique a aquisição de um sistema fonológico por crianças típicas. Aqui vale retomar a ideia de Chomsky dos **Princípios e Parâmetros** para entender como a filosofia da linguagem contemporânea, assim com a fonoaudiologia e a linguística extrapolam o autor e elaboram novas soluções para o problema da pobreza de estímulo no processo de aquisição da linguagem. Cabe, então, estabelecer um diálogo da filosofia da linguagem de Chomsky com essas outras áreas relacionadas à linguagem, de modo a se avançar na reflexão sobre as questões centrais deste trabalho.

Em resumo, a teoria dos **Princípios e Parâmetros** de Chomsky procura estabelecer os limites do que é de **domínio amplo** da linguagem humana, e o que é de **domínio específico** de cada língua. Estes **Princípios** seriam os princípios universais já comentados no capítulo 2 deste trabalho. Retomando, há um número finito de regras que gera um número infinito de possibilidades de frases gramaticalmente corretas. Também há condições universais sob a qual a mente humana opera, o que explica o porquê de crianças de diferentes nacionalidades apresentarem similaridades nos estágios de aquisição da linguagem. No terreno dos princípios, estamos falando de conjuntos de regras de **domínio**

amplo, universalmente necessárias e válidas para qualquer língua humana. (CARNEIRO, 2010, p. 59)

Quando pensamos nos **Parâmetros**, todavia, estamos falando de conjuntos de regras de domínio específico de cada língua. A criança, baseada nas condições dos princípios universais, começa a distribuir os dados primários em diferentes categorias. O que ocorre é que cada língua terá o seu conjunto de regras em domínio específico, ou seja, proposições sobre a língua que só serão verdade naquele idioma.

De acordo com o proposto na teoria da Gramática Universal e na teoria dos Princípios e Parâmetros, a criança atribui valores aos dados linguísticos primários, e dali estabelece uma hierarquia de propriedades que são atribuídas ou não a determinados segmentos linguísticos para consolidar a sua representação mental destes elementos (CARNEIRO, 2010, p. 59).

A Gramática Universal contém então estes dois grupos de elementos relativos à sintaxe: os princípios e os parâmetros. Os princípios são as regras gerais, universais e invariáveis que todas as línguas devem obedecer e que a criança não precisa aprender. Os parâmetros são as possibilidades deixadas em aberto pela Gramática Universal definidas com base na experiência linguística no decorrer da aquisição da língua; são propriedades abertas à variação, fazendo com que o falante de uma língua faça uma opção por uma ou outra. A criança precisa selecionar, fixar, determinar os parâmetros para configurar a sua gramática. Uma vez que os princípios são internos, rígidos e valem para todas as gramáticas, uma sentença não pode violar um princípio, visto que isso seria interferir no funcionamento mental do indivíduo, já que a faculdade da linguagem se encaixa na arquitetura da mente.

Uma vez que os parâmetros são de domínio específico de cada língua, estão restritos às possibilidades daquela língua somente. Eles possuem sempre dois valores opostos, e a criança no seu processo de aquisição da linguagem opta por um ou outro destes valores.

A Teoria dos Princípios e Parâmetros pode ser ilustrada se pensamos em um conjunto de diversos interruptores. Os chaveamentos estabelecidos no início da aquisição da linguagem compreendem o estado inicial proposto pela Gramática Universal, são as posições dos interruptores que já vêm programadas na mente. Os parâmetros são os chaveamentos específicos que não vieram ligados de fábrica, bem como um interruptor de luz, que precisa estar na posição ligado ou desligado, caso queira que a luz esteja acesa ou apagada. A criança, no seu processo de aquisição, precisa determinar se alguns destes interruptores estão ligados ou desligados de acordo com o ambiente em que se encontram. Fica evidente aqui que os parâmetros da Gramática Universal são variáveis de maneira binária e previsível. Um determinado Parâmetro é configurado como positivo ou negativo de

acordo com os estímulos de uma dada língua. Os princípios, por sua vez, são gerais de todas as línguas e não podem ser violados em nenhuma sentença.

De forma resumida, são os Parâmetros que marcam as diferenças entre as línguas. Se uma criança está inserida em um ambiente que se fala Português, ela vai formatar a sua Gramática de maneira que a sintaxe permita frases sem sujeito, ex: Choveu ontem. Também permita o sujeito desinencial, ex: Não fomos à praia por causa disso. Se a criança está inserida em um ambiente em que se fala Inglês, o seu parâmetro para sujeitos está sempre ligado, pois o Inglês não permite frases sem sujeito nem desinencial. Ex: **It** rained yesterday. **We** didn't go to the beach.

No entanto, quando consideramos o sistema fonológico, por mais que os limites de produção de segmentos seja limitada às possibilidades do aparelho fonador humano, há muitos exemplos de informação de domínio específico de cada língua. Por mais que a Teoria dos Princípios e Parâmetros proponha que há itens de domínio específico, não parece haver uma clareza quanto ao estado inicial do conhecimento fonológico. A Teoria dos Parâmetros explica em certa medida como adquirimos nosso sistema fonológico. Mas **como** aprendemos não é o mesmo que **o quê** sabemos.

Há um movimento crescente na linguística que questiona a validade da Gramática Universal para explicar a aquisição de um sistema fonológico por crianças típicas.

Em suma, precisamos reconciliar o fato de que enquanto a fonologia do adulto parece como um sistema categórico construído a partir de elementos, incluindo segmentos e características fonológicas, é provável que uma parte significativa do que foi amplamente assumido ser inato é, em vez disso, aprendível (COHN, 2011, p. 16, tradução nossa)

Veremos, então, como o linguista Elan Dresher entende a computação de aspectos fonológicos, apontando para um não-inatismo destes princípios. De acordo com o autor, estes princípios são criados pela criança como parte do processo de aquisição do sistema fonológico. A criação destes princípios deriva de uma hierarquia de aspectos contrastivos, e é através do contraste que a criança identifica segmentos fonologicamente ativos e organiza o input em categorias e vai adquirindo repertório fonológico a fim de criar um sistema fonológico. Por último, veremos como a fonoaudióloga Carmen Lúcia Barreto Matzenauer entende o processo de construção do conhecimento fonológico na aquisição típica da linguagem pelas crianças. Segundo a autora, este processo é evidenciado mais especificamente pela variabilidade no emprego de consoantes até a integralização do inventário fonológico da língua alvo.

3.1 DRESHER E O NÃO-INATISMO DAS PROPRIEDADES FONOLÓGICAS

O questionamento da validade da teoria da Gramática Universal começa com questões acerca da natureza dos aspectos primitivos da fala humana. Quais seriam eles e de onde eles vem?

Tipicamente, quando caracterizamos e analisamos os padrões de um sistema fonológico adulto, usamos termos como segmentos e traços. Ao usar estes termos, sugerimos que tais categorias e grupos são equivalentes em todas as línguas. Também assumimos que estes elementos são primitivos nos sistemas fonológicos. Mas qual é a relação entre as dimensões acústicas e articulatórias que fornecem os ingredientes da fala humana (geralmente caracterizada como traços fonéticos ou traços distintivos) e os elementos contrastivos que constituem os tijolos da comunicação (geralmente caracterizados como segmentos ou fonemas)? Qual o papel da criança, enquanto participante ativo no processo de consolidação da própria gramática, em determinar os parâmetros, ou segmentos e traços com função fonológica ativa dentro daquela língua? O que há de inato no processo de aquisição de um sistema fonológico? É certo assumir que adquirimos um sistema fonológico? Ou testamos segmentos e traços até aprendermos um sistema fonológico?

Elan Dresher, um linguista canadense e professor emérito da Universidade de Toronto, propõe, assim como Abigail Cohn, que o processo de construção de um sistema fonológico pela criança não é inato, e sim ativo. No seu trabalho *Universal Feature Theory Without Universal Features*, Dresher revisita Mielke (2008) e Samuels (2011) e resume os argumentos contra os traços inatos.

Argumentos contra os traços inatos

- a. De uma perspectiva biolinguística, traços fonológicos são demasiadamente específicos, e excluem línguas de sinais (van der Hulst 1993, Sandler 1993)
- b. Empiricamente, nenhum conjunto de traços foi descoberto que “resolva todos os problemas” (Hyman 2011, no que diz respeito a traços sonoros, mas o argumento se aplica a propriedades gerais também)
- c. Uma vez que pelo menos alguns traços tem que ser adquiridos através de atividade fonológica, uma lista pre-especificada de traços e segmentos se torna cada vez menos inútil na aprendizagem (DRESHER, 2014. p. 166, tradução nossa).

O que Dresher levanta a partir dos argumentos contra o inatismo das propriedades fonológicas é que, se os traços são emergentes, precisamos explicar porque eles são necessários, e quais princípios da Gramática Universal explicam como eles funcionam na fonologia.

Eu proponho que traços emergem porque é tarefa da criança chegar a um conjunto de traços (os fonemas) que dê conta do contraste do inventário lexical da sua língua. Adiante, assumo que os traços

contrastivos de uma língua são aqueles que são fonologicamente ativos naquela língua, num sentido que vou definir abaixo. A conexão entre contraste de traço e atividade de traço impõe limites ao número de traços que podem ser postulados para um determinado inventário fonológico, e de uma perspectiva mais ampla explica o porquê sistemas fonológicos tendem a parecerem similares, mesmo sem um conjunto de propriedades inatas (DRESHER, 2011, p. 166, tradução nossa).

Dresher propõe então um esquema que dê conta de explicitar a sua teoria, implementando a ideia de contraste de propriedades fonologicamente ativas. Ele começa a construção de seu argumento propondo que os traços contrastivos são assinalados hierarquicamente. Ele nomeia esse chaveamento de Algoritmo de Divisão Sucessiva. Este algoritmo assinala os traços contrastivos dividindo sucessivamente o inventário até que todos os fonemas sejam distinguidos. Para que o Algoritmo de Divisão sucessiva opere, os traços precisam ser ordenados. O autor assume aqui que esta ordem é de domínio específico de cada língua. (DRESHER, 2014. p. 166)

Uma vez que a hierarquia contrastiva varia de acordo com cada língua, o autor sugere que precisamos de estratégias para entender quais são os traços contrastivos. Numa primeira tentativa de delimitar sua teoria, Dresher propõe que a fonologia computa apenas os **traços contrastivos** (DRESHER, 2014. p. 167). Em suma, o argumento seria que o componente fonológico de uma língua opera apenas nos traços que são necessários para distinguir os fonemas daquela língua de fonemas de outras línguas. De acordo com este argumento, apenas traços contrastivos podem ser **fonologicamente ativos**, onde a atividade do traço é definida como a atividade que desempenha um papel na computação fonológica.

Ele continua a argumentação, e diz que se a Hipótese Contrastivista estiver correta, temos que se um traço é fonologicamente ativo, então ele deve ser contrastivo necessariamente. Isso, então, é a base da heurística para se descobrir traços contrastivos: a criança procura por traços fonologicamente ativos, e hipotetiza que eles são contrastivos nos segmentos onde são ativos.

Dresher sinaliza também para o fato de que os traços são **binários**; e que todo traço tem um valor **marcado** e **não-marcado**. Ele também admite que os valores dos traços são de domínio específico de cada língua. Em resumo, Dresher parece assumir que a computação do sistema fonológico começa a partir da distinção entre segmentos contendo traços fonologicamente ativos naquela língua. O primeiro esforço da criança então seria o de computar quais fonemas estão presentes em determinada língua, e quais os traços (exemplos de traços são: sonoro, surdo, bilabial, consoante, vogal) de cada fonema.

Quanto ao conteúdo do inventário lexical e dos traços, o estudioso entende que a criança usa o material relevante disponível, ou seja, o input que recebe, de acordo com a

modalidade da língua usada. Considerando a aquisição típica de linguagem, a criança usa informação acústica e propriedades articulatórias dos sons da fala; para língua de sinais, a criança usaria o formato da mão e expressões faciais. Dresher retoma Chomsky neste ponto, e considera que a hierarquia contrastiva é parte inata da Gramática Universal, e que “é a cola que une representações fonológicas e as faz parecerem similares de língua para língua” (DRESHER, 2014, p. 167, tradução nossa).

Dresher também resolve um dos problemas lógicos da aquisição do sistema fonológico, que é explicar como crianças imersas em línguas diferentes constroem um sistema fonológico que respeita os mesmos estágios, independente da língua. Falando especificamente das vogais, o autor enfatiza que traços comuns entre línguas existem porque a percepção auditiva humana é sensível a formantes (frequências naturais de ressonância do trato vocal, especificamente na posição articulatória da vogal falada). Em outras palavras, nosso aparelho auditivo é sensível a um gradiente específico de sons, e este conjunto finito de possibilidades sonoras constituirão o sistema fonológico de diferentes línguas.

O ponto principal da teoria da hierarquia contrastiva proposta por Dresher, no entanto, é a explicação de como se dá a representação mental e sua relação com a construção do sistema fonológico pelas crianças.

Dresher traz no seu artigo dados de um estudo sobre furões, um mamífero da espécie dos mustelídeos. De acordo com os dados recolhidos, os furões também são sensíveis a formantes, ou seja, respondem cognitivamente a sons de vogal. A diferença é que eles não dispõem da capacidade de criar representações mentais da mesma forma que humanos dispõem.

O ponto que Dresher levanta é que uma percepção não é uma representação fonológica. Em outras palavras, perceber um estímulo não significa que há um equivalente mental representado para aquele estímulo. “A criança pode perceber e distinguir sons da sala, mas ainda não identificou nenhum contraste no sistema de vogais” (DRESHER, 2014, p 172, tradução nossa).

Dresher descreve em seu trabalho o caminho percorrido pela criança para categorizar os formantes e encontrar as hierarquias válidas em sua língua através da teoria da hierarquia contrastiva. Tal demonstração não é necessária no presente trabalho. O ponto importante a ser considerado aqui, é que o autor não considera que as percepções acústicas fazem parte da gramática. Essas percepções seriam somente imagens acústicas cruas. A mera discriminação de sons não representa, como já apontamos neste trabalho, uma representação fonológica. Ainda sobre os sons que integram o sistema fonológico da criança, é justo dizer que é através do contraste de traços fonológicos ativos que a criança aprende a ignorar sons e distinções que não são relevantes para a sua língua materna, mas

isso ainda não significa dizer que um sistema de representação mental está sendo criado. Ou seja, isto não explica aquisição de um sistema fonológico. (DRESHER, 2014. p. 174)

Dresher rejeita a hipótese inatista da construção de um sistema fonológico exatamente por entender que a teoria da hierarquia contrastiva explica melhor como as crianças reagem às percepções acústicas e que é através do emprego da hierarquia contrastiva que as representações se tornam mais e mais complexas (DRESHER, 2014. p. 174).

Em suma, Dresher entende que a aquisição de um sistema fonológico não é inata, uma vez que o processo de construção de representações mentais por parte da criança é ativo, e requer que percepções acústicas e produções acústicas sejam categorizadas baseadas em traços. E que é através da identificação de propriedades fonológicas ativas que a criança ignora certas frequências, logo, certos sons.

O que Dresher nos deixa como seu argumento mais forte é que, no caso da aquisição do sistema fonológico, aparentemente não há uma pobreza de estímulos, uma vez que todos os fonemas do sistema fonológico são computados e categorizados pela criança a ponto de haver uma representação mental de cada uma das possibilidades de fonemas que compõem determinada língua.

3.2 CARMEN LÚCIA BARRETO E A GRAMÁTICA FONOLÓGICA

No capítulo anterior, vimos como Elan Dresher descreve a teoria da hierarquia contrastiva. O seu trabalho foca em explicitar como os formantes passam a integrar o sistema fonológico da criança. No trabalho **A Gramática Fonológica na Aquisição da Linguagem**, Carmen Lúcia Barreto Matzenauer “trata do processo de construção do conhecimento fonológico na aquisição típica da linguagem, evidenciado mais especificamente pela variabilidade no emprego de consoantes até a integralização do inventário fonológico da língua alvo” (MATZENAUER, 2019, p. 1).

A autora, assim como Dresher, entende um não-inatismo das propriedades fonológicas, e pontua que

há dois pontos cruciais à existência de variabilidade no uso das formas segmentais em um estágio de aquisição fonológica:

- a) o processo de aquisição de segmentos fonológicos da língua é gradual
- b) os segmentos são multifacetados, ou seja, são o resultado da concorrência de diferentes propriedades de caráter articulatório e acústico, interpretadas por categorias abstratas que podem ter função na gramática da língua. (MATZENAUER, 2019, p. 3771)

Tanto essa autora como Dresher parecem concordar no sentido de que o gradiente do sistema fonológico é formado por segmentos nos quais os traços assumem valores específicos dentro do sistema. A natureza múltipla de cada segmento (uma vez que o mesmo segmento pode ter diferentes traços (ex: /b/ + bilabial + vozeado) também sugere que a criança terá de passar por um processo de diferenciação de cada segmento, até encontrar os valores de cada um, identificando também os segmentos que apresentam função fonológica ativa dentro do sistema fonológico que ela está aprendendo.

O que a autora questiona são os estágios da aquisição, e a complexidade da categorização da criança nestes diferentes estágios. Pontua a estudiosa:

Se na gramática da língua alvo da aquisição (seja de L1 ou L2), cada segmento está vinculado a determinada(s) classe(s), algumas questões, então, logo se impõe. Dentre elas, arrolam-se duas:

a) Será que, desde o mais precoce estágio de aquisição, a criança categoriza os segmentos nas mesmas classes fonológicas que funcionam na gramática do adulto?

b) Como se organiza a gradual expansão do inventário de segmentos: emerge o segmento ou, antes dele, emerge a classe fonológica, determinada por certo(s) traço(s) (MATZENAUER, 2019, p. 3772)

Traços distintivos são os menores elementos que compõem um som. Sons que apresentam os mesmos traços distintivos são agrupados em classes naturais. Traços distintivos, como já dito neste trabalho, são binários, ou seja, há duas possibilidades de valores, sendo elas a positiva + e a negativa -. Os sinais de + e - não indicam que um som é mais ou menos alguma coisa que o outro. Os marcadores apenas indicam o valor atribuído ao traço. Ex: /b/ [+sonoro] e [+bilabial].⁵

Matzenauer pontua que as classes de segmentos têm a fonte de sua constituição em traços e que processos fonológicos apenas operam em classes de segmentos. Desta forma, entende-se que para a arquitetura da gramática fonológica de qualquer língua, as noções de traços e classes de segmentos é fundamental.

O que a autora questiona, em suma, é a ordem da aquisição do sistema fonológico da criança, tendo como ponto de partida as classes ou os traços. Entender a ordem da aquisição dos segmentos é relevante pois nos ajuda a entender como se dá a representação mental destes elementos e como acontece a agregação destes elementos até que o falante compute todos os segmentos que compõem o seu sistema fonológico em seu estágio final.

O que a estudiosa pretende investigar em seu estudo, então, é a variabilidade no emprego de consoantes para responder às seguintes perguntas:

⁵ cf. SANTOS, Thiago Bruno de Souza, Traços distintivos em línguas de sinais: Uma revisão conceitual

1. Quando considerar que determinado segmento já teve seus valores atribuídos de forma satisfatória a ponto de estar incorporado plenamente ao inventário fonológico do falante?

2. O simples emprego de um segmento significa que este já está mentalmente representado?

Matzenauer estuda crianças em processo de aquisição do Português Brasileiro e levanta a hipótese de que “a emergência e expansão do inventário de consoantes ocorrem a partir de classes circunscritas por traços fonológicos: os traços são capazes de dar base a uma classe e essa classe abarca segmentos”. (MATZENAUER, 2019, p. 3772).

O objetivo do estudo da autora é saber como essa construção do conhecimento fonológico acontece, e de modo particular, o papel de classes de segmentos na constituição de inventários fonológicos.

Assim conclui a estudiosa:

O fenômeno da variabilidade ocorre como parte da organização de uma gramática que integra o processo de aquisição fonológica e isso acontece dentro de uma classe de segmentos, como integrante do conhecimento fonológico de classes de segmentos, as quais conforme já foi explicitado são as definidas por traços fonológicos. Como decorrência, deste estudo partiu-se da hipótese de que a variabilidade oferece uma evidência de que o pertencimento a uma classe antecede a estabilização do segmento como unidade da fonologia da língua. Pode-se dizer que, na aquisição, a classe domina/antecede o segmento (MATZENAUER, 2019, p. 3773)

Não interessa para este trabalho entrar nos detalhes da condução da pesquisa de Matzenauer, mas apenas os resultados obtidos, a saber, como um segmento se estabelece no sistema fonológico da criança. Pontua a estudiosa:

Assim, a variabilidade da ocupação do espaço fonético-fonológico de um segmento por outros denuncia muitos aspectos do conhecimento fonológico da criança, o que decorre de a estrutura interna dos segmentos ter natureza componencial, multifacetada, que é explicitada, na gramática, por meio de traços distintivos. Como consequência, tem-se que um segmento pode não estar estabilizado no inventário fonológico da criança em se considerando números percentuais de ocorrência, mas, de forma indubitável, já integra a sua gramática, no sentido de que a ocupação de seu espaço fonético-fonológico já o inclui em uma classe da gramática da língua, sendo capaz de evidenciar a operação de um conhecimento fonológico composto por várias faces. A mesma linha de entendimento pode ser aplicada à análise da ocupação de lacunas no inventário fonológico: se uma lacuna na gramática de uma criança é preenchida, esse fato mostra a categorização, em uma classe, daquele segmento cujo espaço está sendo ocupado (MATZENAUER, 2019, p. 3777)

O que a autora propõe é que a evidência da variabilidade no emprego de consoantes, e o preenchimento de lacunas preenchidas por outros segmentos é indício da expressão dos diferentes estágios da construção do conhecimento fonológico, e essa presença é reveladora do funcionamento de suas gramáticas por meio da operação de traços.

Tem-se, portanto, que a construção do inventário fonológico ocorre a partir de classes, que vão se especificando em segmentos. E é dentro da classe primeiramente estabelecida que tende a haver a variabilidade, ou seja, que há a tendência a um segmento de ocupar o espaço fonético-fonológico de outro segmento (MATZENAUER, 2019, p. 3778)

Uma vez entendido o estabelecimento fonológico da classe em estágio anterior à especificação dos segmentos que nela se integram, Matzenauer como é determinada a generalização nos movimentos que dizem respeito à variabilidade dos segmentos e à ocupação de espaços lacunares do inventário fonológico. Ela conclui que os traços distintivos são determinantes de tais movimentos.

O principal ponto de incluir Matzenauer neste trabalho é mostrar que a criança passa por um processo de tentativa e erro e de generalizações ao empregar consoantes, até que ela consolide tal segmento em seu inventário fonológico.

O gesto articulatório já indica a construção de uma representação mental do segmento, mas o processo pelo qual o emprego deste segmento passa até se consolidar dentro de uma das classes naturais revela que há diferentes estágios de competência no emprego de tais segmentos. Assim como Dresher, Matzenauer também entende que o gradiente do inventário fonológico é passa por um processo de maturação até que todo o inventário esteja representado mentalmente de forma consolidada.

A estudiosa chega à conclusão de que o traço distintivo é o que determina a categorização de um segmento em uma classe. A estudiosa, assim como Dresher, propõe um modelo que explique aquisição da linguagem:

É pertinente, portanto, propor-se uma hierarquia relativa à função dos traços de congregar segmentos em classes, identificando-a como uma 'Escala de Agregação'. Essa escala pode ser capaz de explicitar a força dos traços no cumprimento do papel de agregar segmentos para a constituição das classes naturais (MATZENAUER, 2019, p. 3785)

Matzenauer salienta que a Escala de Agregação é um modelo proposto para explicar a aquisição típica do Português Brasileiro. Mas destaca:

Salienta-se, mais uma vez, que, no processo de aquisição da fonologia de uma língua, a variabilidade e a ocupação de espaços ainda lacunares em comparação com o sistema-alvo são determinadas por traços e

obedecem ao funcionamento de classes de segmentos. Ressalta-se, por fim, que esse fato pode ser interpretado como a operação de propriedades e traços agregativos, que têm grande importância porque oferecem a condição para que o processo de categorização fonológica venha a organizar-se (MATZENAUER, 2019, p. 3789)

É notável a similaridade entre a Escala de Agregação proposta por Matzenauer e a Hierarquia Contrastiva proposta por Dresher. É importante lembrar que a autora estuda o Português Brasileiro, enquanto Dresher examina o Inglês. De toda forma, estudos mais recentes como o de Cohn, Dresher e Matzenauer deslocam a condição primária da aquisição de um sistema fonológico do campo do inatismo para um domínio onde tais conhecimentos não são inatos, mas sim apreendidos.

De toda forma, por mais que tais estudos recentes apontem para um não-inatismo das propriedades fonológicas, ainda não é possível se desvencilhar da proposta da Gramática Universal de Noam Chomsky por completo. Há, de fato, algum mecanismo inato na mente que permite que o ser humano construa representações mentais e agregue componentes isolados em classes, e eventualmente construa a sua gramática e apresente comportamento verbal.

No entanto, ao mesmo tempo em que a Gramática Universal se fundamenta na pobreza de estímulo, é somente com acesso a todos os possíveis traços distintivos que a criança consegue consolidar a representação mental de um sistema fonológico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão inicial que motivou este trabalho foi a seguinte: **Até que ponto a Gramática Universal explica a aquisição de um sistema fonológico?** É sabido que a criança adquire os fonemas de forma gradual até que o seu sistema fonológico se consolide, mas que é necessário que esta entre em contato com todos os possíveis traços, segmentos, fonemas e alofones para que o seu sistema fonológico esteja formado completamente. É fato que o inatismo de Noam Chomsky ainda não foi superado por completo, mas pesquisas recentes como as apresentadas neste trabalho apontam para um não-inatismo das propriedades fonológicas.

O trabalho focou, então, no primeiro filósofo a propor algum tipo de intuição sobre o conhecimento adquirido, a saber, Platão. O caminho deste trabalho foi então o de entender a hipótese da pobreza de estímulo proposta por Platão, e como ele resolve este problema trazendo a ideia de reminiscência da alma.

A escola behaviorista tentou estabelecer os limites da aquisição da linguagem, sendo desbancada radicalmente por Noam Chomsky, que resgata Platão ao construir grande parte de sua teoria baseado na hipótese da pobreza de estímulo, ou como veio a ser conhecida, o **Problema de Platão**.

Na introdução, foi feito o percurso teórico até Chomsky, com uma revisão do diálogo Mênon, que é onde Sócrates demonstra a Mênon como é possível conhecer a partir de algumas ideias que a alma carrega consigo, uma vez que ela já viveu muitas vezes. O recorte proposto por Platão, no entanto, é que a alma conhece apenas verdades universais e necessariamente válidas.

Na sequência, mostramos como este conceito de verdades universais e necessariamente válidas fundamenta a construção da hipótese dos princípios universais. Esta hipótese também fundamenta a teoria dos Princípios e Parâmetros, forma que o autor encontra para explicar o que seria de domínio geral de todas as línguas humanas, e de domínio específico de cada língua em particular.

Por fim, apresentamos Elan Dresher e Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, que estudando línguas diferentes, inglês e português respectivamente, chegaram a hipóteses semelhantes para explicar a aquisição de um sistema fonológico. Ambos partem da ideia da similaridade dos estágios do desenvolvimento oral da criança em diferentes línguas, mas questionam a validade da hipótese da pobreza de estímulos, uma vez que entendem que a criança precisa necessariamente entrar em contato com todos os traços, segmentos e fonemas para que construa o seu sistema fonológico.

Quanto à sintaxe, a Gramática Universal e a Gramática Gerativa conseguem dar conta de explicar a aquisição da gramática, uma vez que uma criança não entra em contato

com todas as múltiplas possibilidades de construção de frases em uma determinada língua. Quanto ao sistema fonológico, todavia, a hipótese da pobreza de estímulo não parece explicar a aquisição do sistema fonológico.

Como já pontuado neste trabalho, pesquisas recentes apontam que ao invés de adquirir, é pertinente dizer que a criança aprende o seu sistema fonológico.

Em suma, baseou-se o texto em como o Problema de Platão figura debates acerca da aquisição de linguagem na filosofia contemporânea. É importante ressaltar, todavia, que a filosofia da linguagem como área da ciência não consegue dar conta do problema lógico e psicológico da aquisição da linguagem sozinha. Outras áreas também contribuem ativamente com este tema como a fonoaudiologia, a psicologia e a neurociência.

REFERÊNCIAS

BROWN, R., CAZDEN, C. B., & BELLUGI, U. (1969). The child's grammar from I to III. In: J. P. Hill (Ed.), **Minnesota Symposia in Child Psychology**, Vol. II. (pp. 28–73). Minneapolis: University of Minnesota Press.

CARNEIRO, Paulina Lira. **A hipótese inatista de aquisição da linguagem em perspectiva**: aspectos realçados e encobertos, João Pessoa: DLCV V.7, N.1 2010, p 57-58

COHN, Abigail C. **Features, segments and the source of phonological primitives**. Cornell University, 2011

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Editora UnB, 1998.

_____, **Current issues in linguistic theory**. The Hague: Mouton. 1964

_____. **Novos Horizontes do Estudo da Linguagem**. DELTA [online], v. 13, p. 51-74, 1997.

_____. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Coimbra: Arménio Amado, 1978.

DRESHER, Elan. **The arch not the stone**: Universal feature theory without universal features, Nordly 41.2, Toronto: 2014

FISCHER, S. D. Review of **The Acquisition of Language: The Study of Developmental Psycholinguistics**, by D. McNeill. *Foundations of Language*, 1972

GARD, A., Gillman, L., & Gorman, J. **Speech and Language Development Chart** (2nd Ed.). Austin: Pro-Ed, 1993

GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GRAHAM. Philip. **Cognitive-behaviour therapy for children and families**. London: Cambridge University Press, 1998

KATS, Jerrold, **Innate Ideas**. In *Innate ideas*, ed. Stephen P. Stich. London: University of California, p. 71-88, 1975.

KING, David. **Poverty of stimulus argument and behaviorism**. *Behavior and Philosophy*, Cambridge Center for Behavioral Studies. Philosophical Studies, 2016

LAURENCE, Stephen e MARGOLIS, Eric, **The poverty of the Stimulus Argument**. *Brit. j. Phil. Sci* 52, 217-276. 2001

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. **A gramática fonológica na aquisição da linguagem**, v. 16, n 2, 2019

PLATÃO, **Mênon**. Tradução Maura Inglêsias. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2001

QUINE, Willard Van Orman. **Word and object**. Cambridge MA: Harvard University Press. 1960